Job

ou a tortura pelos amigos

Fabrice Hadjadj

Fabrice Hadjadj (Nanterre, 1971) é filósofo, ensaísta e dramaturgo. Tem vasta obra, traduzida já em várias línguas. Ataca, nesta obra, a grande interrogação humana sobre o possível sentido da dor. Problema posto dramaticamente em Job e actualizado, aqui, num doente hospitalizado, visitado por amigos que lhe levam mãos cheias de conselhos e de explicações, mas acabam profundamente questionados pelo vazio do sofrimento real. Como analisa Gianfranco Ravasi: "a sua retórica argumentativa, o seu dogmatismo subtil, a artificial ênfase consolatória, o seu implícito cinismo tornam-nos afinal verdadeiros adversários que sufocam o grande sofredor com os assaltos de uma hipócrita solicitude." Abre-se outro sentido que brota da sabedoria e não da superficialidade dos lugares comuns. A proximidade de Deus permite viver o escândalo da dor como berço da esperança.

9 789898 151308

Job

ou a tortura pelos amigos

Job

ou a tortura pelos amigos

Fabrice Hadjadj

Tradução de
Carlos A. Moreira Azevedo

CENA 1
DEUS, SÓ

Entre as pregas do pano de boca fechado.

Deus

Não há público.
Não, para mim, não existe nenhum público.
Sob o meu olhar os seres não podem agregar-se naquela forma indistinta e compacta que chamamos “multidão”, “massa”, “audiência”, “plateia” ...
Não sou um daqueles diretores que infelizmente olham as coisas de cima e fazem contas de sofá!
Eu sou
terrivelmente míope.
E por isso devo estar muito próximo de cada um, a ponto de poderem sentir o meu hálito no pescoço...
Porque eu, por assim dizer, sou o Ator puro,
sempre incapaz de ser um espectador que goza ao observar a torre em chamas, de longe, do seu balcão de mármore rosa.

Incapaz também de ser o comediante que se agita sobre a cena, mas não vai além dos últimos escabelos do galinheiro.
Eu conheço cada um dos que assistem como a minha "respiração",
como o meu único filho,
como a minha namorada sob as árvores em flor.
Sim, eu de cada um de vós sei o nome absolutamente próprio,
não em termos gerais: "Hom! Hom!", como o som da boca que cai no anzol de um sistema,
nem somente algumas poucas sílabas: Renata, Mónica, João Carlos[1],
mas o nome que te chama nas tuas pregas mais íntimas,
o nome que te abraça de um lado ao outro e não se adapta senão a ti,
o nome que te pronuncia na penumbra nupcial e revela o universo singular que tu abres através da fenda dos teus olhos,
e, sobretudo, e é o que, mais do que outra coisa, te quero revelar esta tarde,
porque é que estás aqui esta tarde, porque esperaste até este momento preparado antes do nascimento das estrelas.
Porquê este concurso de inumeráveis circunstâncias, desde o primeiro átomo de hidrogénio até ao abraço dos

1 - O ator escolherá nomes de pessoas efetivamente presentes na sala.

teus pais, e todas as vezes em que o fulgor caiu logo após a marca dos teus passos?
Porquê todas estas casualidades? E agora eis-te aqui...
Aqui, meu amado, chegado a este dia para que eu me revele enfim ao profundo do teu ouvido e do teu coração...
Eh! Satanás,
confesso que suspeitava ver-te aqui, a aparecer de soslaio!

CENA 2
DEUS E O DIABO

Deus

A que devo a honra desta visita, meu anjo?

Satanás

Perdição! Quando deixarás uma vez por todas de me chamares "meu anjo"? Isso não é um jogo! É um tormento feito de propósito para me partir os cornos e cortar-me as asas!
"Meu anjo"! E porque não "meu amor", já que assim queres!

Deus

Se preferes "meu amor"...

Satanás

Puah! O amor, sempre o amor... Tomas-me por um adolescente?
Preferiria de longe que me chamasses "minha morte" ou "meu rebelde", "minha raiva e meu rancor", "minha lepra e minha cólera"!

Mas não, velho maluco! Tu não sabes outra coisa senão amar,
e dar-te tanto que é até repugnante toda esta graça pegajosa!
De graça, basta!

Deus

É para me fazer uma declaração que vieste, meu anjo?

Satanás

Grande porra, não! Nem de amor nem de guerra, ó Deus, odioso!
Qual espada poderia esventrar o teu corpo de rio?
Qual machado cortar a mecha da tua luz?
Se venho, não, não é por ti,
é por causa daquele lorpa do Job...

Deus

Ainda?
Não te cansaste de tanta fúria?

Satanás

Não durmo.
É um dente que perfura e que me morde com a minha própria boca.

Deus

Mas tu tinhas pedido ao princípio licença para o encher de riquezas.
Dizias que, se se dirigia a mim, era só porque era pobre...

Por todos os diabos acreditava que o mel bastaria para tapar sua boca demasiado vazia.
Então circundei-o de um casulo muito fofo para não o fazer mais pensar em parti-lo com as suas asas,
e, para melhor apaparicar o pobretanas,
coloquei-lhe ao lado uma boneca tão bem feita e que tão bem sabe insinuar-se que não mais unisse as mãos senão sobre o seu peito palpitante.
Levei-o até o fazer chefe de uma prestigiada multinacional de luxo – um grande patrão cujos valores humanísticos estão cotados em bolsa – há quem se perca por menos do que isto!
Enfim, fiz-me seu provedor de negócios, e seu treinador e seu charlatão, e que ganhei eu a fazer de lambe botas de Job?
Nada de nada! Um punhado de moscas!
Nem os pensamentos do trabalho, nem os suspiros da alcova, o impediram, seja de estar atento aos pequenos seja de se dirigir ao seu grande paizinho Deus-odioso!
E é justamente aí que reside o que há de mais detestável na tua companhia, deixa-me precisar: não permite nunca o frente-a-frente, nem o clube privado!
Porque não és mais seletivo nas tuas escolhas?
Se ao menos pudesse elevar-me a ti, sem ter de me abaixar diante do primeiro zigoto chegado, mas não!
Abeirar-se do Criador é também aproximar-se da mais pequena das suas criaturas, fatalmente, e partilhar a

própria mesa com todos os maltrapilhos e aleijados do bairro!
E se ao menos pudesse atirar-me para ti como para um colchão de penas onde fazer uma soneca entre duas rotinas, mas não!
Abandonar-se ao Criador é tornar-se mais criativo, fatalmente,
e dever continuamente inventar novos cânticos de louvor até deslocar a queixada!
E se ao menos pudesse cancelar os meus limites e diluir-me no oceano indefinido da tua substância luminosa, mas não!
Perder-se no próprio Criador é ser-se a si mais, fatalmente,
é ser subtraídos ao nada pela tua mão toda peganhenta
e, caída toda a máscara, oferecer o próprio rosto nu...
Quando me deixarás, enfim, em paz?

Deus

Não faço outra coisa, meu anjo, desde o princípio.

Satanás

Maldita seja a tua paz como uma chaga aberta!
Prefiro repousar na revolta.

Deus

Depois pediste-me licença para despojar Job de todas as coisas.
Dizias que se se dirigia a mim, era porque era rico...

Satanás

Por todos os demónios! Pensava no efeito deste poderoso contraste: depois do mel a miséria.
Depois de uma onda de carícias, a matilha dos cães.
Fiz com que a sua empresa desmantelada pela minha caríssima crise financeira fosse devorada metade pelos negociantes árabes e metade pelos especuladores chineses;
Fiz com que a mulher o deixasse para fugir com o seu diretor de recursos humanos,
e que seu filho e sua filha morressem naquele "trágico incêndio no Macumba Night", ateado por um Lucky Strike mal apagado e espalhado sobre o refrão *I like to move it, move it*;
fiz com que um lupus eritematosus bem resistente à cortisona lhe roesse os ossos e lhe deformasse a face, quase como antecipação da podridão do túmulo;
fiz com que fosse, enfim, acusado injustamente de abuso de poder e de apropriação indevida e de sevícias a uma jovem estagiária - até que o seu nome fosse manchado em todas as revistas...
É preciso dizer que me deu muito que fazer. E com que resultado?
Amaldiçoou-te na cara? Não.
Revestiu-se orgulhosamente da sua soberba? Nem isso.
Resignou-se, porventura, como uma larva perante o teu tirânico poderio? Nem sequer isto, porco nojento!
Em vez de se aniquilar ou de levantar-se contra ti,

em vez de ficar transtornado da cabeça ou disparar um tiro,
dilacerou-se de baixo a cima,
de baixo a cima como um grito de chafariz e de foguete!
Assim tinha atiçado sobre ele todos os seus inimigos!

Deus

Queres arrancar-me agora mais alguma permissão, meu anjo?

Satanás

Porca alegria! Vais deixar de me pregar ao peito como teu anjo, como se u fosse uma linda borboleta?
Os inimigos de Job não foram suficientes.
Por conseguinte, há necessidade de melhor e de pior.

Deus

Que há, pois, de pior do que os seus inimigos?

Satanás

Os seus amigos...
Todos os seus amigos, em suma, para que o bajulem com a sua cega solicitude,
para que o esmaguem com a suas atenções maciças,
para que o sufoquem com a sua compaixão gotejante...
eis o meu pedido, ó Deus, odioso:
Permite que eu lance sobre ele os seus amigos como a única matilha capaz de comer-lhe o coração.

CENA 3
JOB, SÓ

Quarto de hospital. Cama branca e poltrona creme, haste de soro, barulho do medidor cardíaco num canto. À esquerda, a porta de entrada, numerada 201, ou 666, ou 3, com se quiser... à direita, uma grande janela sobre a cidade na primavera: folhagem rara e débil, fachadas de edifícios cinzentos. Ao longe, por detrás de um campanário mostra-se um grande painel publicitário que louva as virtudes de um creme *para emagrecer. É manhã.*

Job

Eis-me aqui?
Como poderia o rejeitado dizer ainda "eis-me aqui"?
De pé, e todavia mais raso do que a terra,
em pé, contudo menos que rastejante,
sou a árvore fulgurante que apenas promete frutos de cinzas,
eu sou o homem sobre o parapeito que não se levanta senão com um grande salto,
e a ombreira está sob os seus pés como lâmina de navalha,
como carvões ardentes,

naquele momento de oscilação espantosa,
naquela enorme náusea no baloiço do terror,
naquele "antes" da queda, mais atroz do que a própria queda que traz ao menos a sua certeza de impacto e de alivio.
E o sol, como lâmpada de interrogatório, não surge senão para acusar esta obscuridade que não deixa um momento de me subjugar,
e as aflores, ah! as flores oferecidas, variegadas, as flores que expandem com alegria o seu sexo à vida que zumbe e fervilha, mas não espero outra coisa senão uma coroa fúnebre...
E é por essa razão, sem dúvida, para lhe evitar o contraste da vida que continuará sem ele,
é por esta altura que se coloca o moribundo numa caixa branca, no meio de uma página não escrita,
como se nunca tivessem existido colinas verdejantes, mas só este quarto de hospital, tão pouco hospital que não se tem pena de o deixar.
Oh mundo demasiado belo, da ponte desta barca que zarpa para o nada, te saúdo!
O teu esplendor é agora apenas o escrínio do meu apodrecer.
Oh passantes que ainda não trespassais, desta cama estéril onde deverão morrer tanto a vossa despreocupação como as vossas pequenas preocupações, eu vos saúdo!
A vossa quotidianidade pardacenta, com todas as suas inquietações, é uma maravilha que vos invejo.
E vós, pássaros, que cantais o rosa da aurora, deste vidro

duplo, que manda para trás o vosso canto, eu vos saúdo!
A vossa alegria melodiosa denuncia o meu erro.
E vós, minhocas cujo fervilhar para sempre ignora o sol,
do néon deste mostruário clínico, vos saúdo!
Comer, como vós, terra no escuro seria para mim uma imensa fortuna...
Porque me deixas assim, meu Deus,
seguro no insustentável,
agarrando-me sempre às fauces do lobo?
Porque não me esmagas como um insecto e seria um rasto quieto na parede?
Porque não me despedes puxando o autoclismo, *flosccch*,
adeus, pequeno Job, no turbilhão da descarga?
E antes de mais porque, porque encontrei então joelhos a acolher-me à saída do ventre, seios cheios de leite para me nutrir,
uma voz tremente de amor para me embalar.
E acreditei que a vida fosse quente e fluida como aquela mãe que me apertava junto ao coração.
Mas a boa fada tinha feito conluio com a bruxa
e todos aqueles dons não foram senão para me fazer experimentar a perda,
todo aquele calor para que melhor sentisse o cutelo gelado
e este sabor de morte na minha garganta...

CENA 4
JOB E ELIFAZ

Elifaz

Job, meu pobre amigo…

Job

És tu, Elifaz?

Elifaz

Já há dez ou talvez quinze anos que não nos vemos. Mas os teus traços não mudaram, nem pelo vinco das rugas, nem pelo inchaço da cortisona.
Apenas soube da tua desgraça, num instante, rapidamente, a todo o gás, sem pré-aviso, interrompidos todos os afazeres, num fechar de olhos, de repente, um dois três, partindo em quarta, em cinco segundos, sem atraso e sem demora, corri para te ver no leito.

Job

E atrás de ti estão todas as boas recordações que arrastas como o odor de madressilva e que me fazem sentir como

estão longe os bons velhos tempos...
E como se me cola à pele a hora má.

Elifaz

Sacudamos da tua fronte as moscas de todos esses pensamentos negros!
Vim para te ajudar.
Deves pensar positivo.

Job

Pensar positivo?

Elifaz

Afirmativo: deves ver o lado bom das coisas.

Job

Há um lado bom na crueldade,
uma perspectiva boa no massacre,
um bom ponto pelo qual pegar num excremento?
Mas tu estás aqui e isso toca-me,
ainda que faças de enxota-moscas.

Elifaz

Estou aqui para te socorrer.

Job

Não poderias somente estar aqui?
Serias, verdadeira ajuda, meu amigo, não procurando vir

em meu socorro,
mas estando aqui, aqui ao lado,
a segurar-me a mão.

Elifaz

Muitas vezes é só uma questão de respiração.
Regula o ritmo, como ondas que se estendem na praia,
expira lentamente, como a vaca que no pasto deixa passar os comboios,
e as nuvens se dissipam na ventilação tranquila,
e a dança da energia poderá retomar todos os teus chacra.
Tu praticas a posição de lotus?

Job

Eu pratico muito bem a posição de ratoeira para ratos.

Elifaz

Não conheces a meditação transcendental?

Job

Conheço sobretudo a estupidez astronómica.

Elifaz

Comes, ao menos, coisas sadias, produtos da agricultura biológica?

Job

Vomito com grande naturalidade.

Elifaz

Inspira fundo pelo nariz, peço-te,
depois, com os lábios em círculo, assim, como cu de galinha,
expira docemente.

Job

É um bom conselho a dar a quem entra na câmara de gás.

Elifaz

És muito cortical, Job, demasiado cortical

Job

Cortical? Podes-me descorticar?

Elifaz

Cortical: quer dizer que pensas demasiado, que permaneces ao nível do córtex cerebral, quando te conviria investir no cerebelo réptil e te reajustares aos ritmos da terra.

Job

O meu cerebelo réptil?
É verdade que quando se rasteja já não se pode cair.

Elifaz

É necessário que te voltes para ti próprio e te separes desta vida obstruída por palavras.
É esta tua colagem que torna insuportável senti-la desfiar e regressar à alma do mundo.

Job

E onde regressarei a mim próprio quando eu próprio não sou nada mais do que um canteiro abandonado ao saque?
E como me separarei desta vida sem me tornar cúmplice da morte?
Deverei proceder como se o mal não me estivesse devorando e deixar florescer o seu cancro como um gerânio?

Elifaz

O corpo está destinado a regressar aos seus elementos primordiais.
A consciência, a regressar à pura luz indivisa.
Certamente, a sua estalactite é dura e brilhante, mas agarra-te a ela, e verás como escorrega e como derrete entre os teus dedos esmorecidos.
Regressa pois nesta alma que não é a tua alma lamurienta mas o braseiro universal onde se evaporam todos os catres do eu-eu-e-ainda-eu,
o mar de azeite onde se aquietam todas as ondas.

Job

Pensas que a minha alma possa despadrar-se até esse ponto?
Sem mim, o que terei para me dirigir aos outros?
Sem o meu corpo onde estaria a vitória… e a vítima?
Deixa-me esta carcaça sangrenta, ainda que não saiba como poderá tornar-se púrpura imperial.

Elifaz

Este encolhimento, esta resistência, esta maneira de tornar tudo trágico,
é por causa da relação com o teu pai,
o teu pai que amava mais o teu irmão e ainda te envergonhas que tivesse abandonado a casa para vender em outras casas, de porta a porta, aspiradores de mesa...
Tenho o contacto de um excelente psicoterapeuta que te permitiria descarregar todo esse passado morto numa sessão de hipnose.

Job

Entrastes sem luvas nem máscaras. Só agora dou conta.
Advertiram-te de que a minha doença é extremamente contagiosa?

Elifaz

A tua doença... contagiosa? Não... não me advertiram...
O tempo passa tão depressa perto de ti que só agora reparo, olhando o relógio, que é chegado o momento de ir...
Sabes, tenho um encontro importante que não consegui alterar, compreendes...

Job

Vai depressa. Não te desculpes.
Também tu precisas de te separar...
E que eu fique com as minhas moscas como um burro velho posto de lado.

Peço o impossível, sem dúvida.
Porque não quero que sejam enxotadas estas boas moscas que depõem ovos nas minhas chagas e se deliciam sobre as minhas pálpebras.
Quero que sejam mudadas em anjos.

CENA 5
JOB E SUA MULHER

Mulher de Job

O meu amado atravessa o abismo

Job

Uma mosca já se transformou em serafim, ou estou talvez sonhando?

Mulher de Job

Não, meu Job, sou mesmo eu, a tua mulher,
tua mulher que agora não ouve senão o teu apelo e regressa com a cabeça baixa
como o assassino ao lugar do crime
e como a ovelha ao redil da sua vida.
Perdoar-me-ás?

Job

Oh! Já não me recordo!
Voltei um momento as costas, por um momento fechei os olhos,

e reabro-os, e não era senão um pesadelo, e tu estás aqui, regressada sem nunca ter ido embora.

Mulher de Job

Como podia estar com o outro quando o rumor do teu martírio me perseguia mesmo até no esquecimento?
Quanto mais estava tranquila, mais vergonha tinha.
O meu próprio gozo tornou-se o meu desgosto
e os seus braços, os braços do outro, que pretendiam ser ternos e protectores, não faziam senão expor-me mais aos golpes da minha consciência.
Mas agora estou aqui.

Job

Tu estás aqui, mulher, e isto basta.
Tinha por um momento as costas voltadas: tu sabes bem como durmo na nossa cama, a cara para a parede e não para ti e, às vezes, com os olhos abertos ao teu lado, a sonolência teria podido fazer-me crer que o teu lugar estivesse vazio.
Mas depois, esfrego, abro os olhos, e o tempo da última vez não passou.
É normal que eu tenha tido este mau sonho.
Aquela última vez, tu trazias um vestido negro,
estávamos lado a lado para sepultar os frutos do nosso amor...
Mas, quem sabe? Talvez aqueles dois filhos debaixo da terra sejam infinitamente mais do que dois anéis nos nossos dedos?

Os jovens esposos não atravessaram senão a primeira noite de núpcias
e nós atravessamos as trevas deste luto.
Como podemos não estar ligados por esta corda que nos estrangula
mais do que grinaldas de baile?

Mulher de Job

A tua dor está dentro de mim pior do que a minha.
A ferida da tua anca é um corte no meu coração.

Job

Ò minha companheira de desventura,
a tua lancha de salvamento estava a levar-te para longe,
e tu ousas agarrar-te à minha pequena tábua depois do naufrágio?
Eu nunca te quis mais, tu sabes. Para que serviria afundar em conjunto?
Mas, uma contra a outra, talvez as nossas quedas encontrem equilíbrio
como o rei de espadas e a rainha de copas de um castelo de cartas com que brinca uma criança...

Mulher de Job

O grito que brota dos teus lábios arranca-me as entranhas
E, como uma mancha sobre o azul de um fato de trabalho
parece ainda mais horrível junto de uma renda branca,
assim a tua noite sobre mim.

Job

Mulher, doce mulher que sofre do meu sofrimento
e a sua dor me prostra ainda mais
e ao mesmo tempo, pelo misterioso laço do amor,
me alivia

Mulher de Job

A cadela ladra ainda demoradamente sobre o túmulo do seu dono depois dele não poder mais sentir a dor.
Job, como suportar ver-te neste estado?

Job

Tu estás ao meu lado, mulher,
e este hospital transforma-se em palácio,
estas ligaduras são ornamentos para a festa,
esta perfusão no meu braço esquerdo infunde um raio de sol.
Que a laceração atravesse duas almas e elas não mais serão duas bolas enlouquecidas, mas duas pedras preciosas do mesmo colar...

Mulher de Job

Tu não entendes.
Eu sofro demasiado ao saber-te sofredor.
Como uma excelente dona de casa, venho remendar para sempre o rasgão.
Venho trazer-te o remédio.

Job

Que outro remédio senão o irremediável suportado em conjunto,
em conjunto contigo?

Mulher de Job

Esta injecção, meu amado, atravessa o abismo,
esta injecção que te leva à bela no bosque e que te fará dormir tanto, tanto, meu belo príncipe,
que acordarás noutro mundo onde não há mais dor, nem lágrimas, nem noite.

Job

Esta injecção ...
Senhor, é assim que queres empurrar-me para te amaldiçoar?
Acreditava numa pomba ferida e eis a viúva negra.
Acreditava na ovelha perdida e eis a louva-a-deus religiosa,
a fêmea que goza sobre o seu macho enquanto ele corta a cabeça.
Ah, minha mulher, és mesmo a cadela que dizes,
fiel até à morte não por atenção delicada
mas pela comida que engorda e a carícia que faz abanar a cauda.

Mulher de Job

É perfeitamente indolor, juro-te.

Job

Então chegaste aqui para nada?
Que tu queiras para nós uma separação indolor não pode senão aumentar a minha dor.

Mulher de Job

Só um minuto.
Um minuto, depois do qual a fatalidade será atingida com um golpe mortal!
Aqui, nesta seringa, está a serenidade,
uma paz de rei, numa endovenosa:
o raio de sol para verdadeiramente, meu amor,
a clarificação que sonhavas com a tua perfusão.

Job

Ah! Tentas-me, mulher, se tu soubesses como me tentas.
A tortura que me aplicas propondo-me subtrair-me assim aos meus tormentos dá-me mais do que nunca desejo de lhes fugir ...
Força, dá a estocada, espeta a tua calmante seringa, pica o teu marido furioso!... Não!
Que se me funda antes um século de chumbo na garganta,
que se me ampute acordado um membro e depois outro com a mais terrível laceração.
Adeus, olho direito.
Adeus, mão direita.
Vai para longe, metade de mim.

Mulher de Job

Tu desejas então que eu sofra ainda.

Job

Vai-te daqui.
Mal acordei e querias adormentar-me?
Só agora começo a descobrir quanto pode ser abissal a abominação e querias fechar-me os olhos?
Não me prives da felicidade de gritar contra o Céu.
Não me bastarão cem mil agonias para admirar o flagelo que ele contigo inventou para mim.

CENA 6
JOB E BILDAD

Bildad

Desprega daqui, cunhada desavergonhada! Xô, xô!
Não há melhor pomada contra uma carraça como tu do que estar bem longe.

Job

Bildad, meu irmão, é a tua voz que ouço à porta?
Uma esposa a cruza num sentido e um irmão no outro, para que torneio de suplício?
Espero que não venhas para me ajudar.

Bildad

Ajudar-te eu? Irra, não, irmãozinho!
Eu chego de mãos vazias, não trago nem mel nem fel,
E, entre os meus braços, não estou senão eu com a minha carantonha para clamar unido a ti.

Job

Os nós da natureza permanecem mesmo quando os do matrimónio se desfazem.

Bildad

Um irmão é sempre um irmão, irmãozinho,
enquanto uma mulher se transforma em fúria.
Sabia-o a serpente que se serviu de Eva para burlar Adão.

Job

E se serviu também de Caim para matar Abel,
e José foi vendido pelos seus irmãos…
Mas tu estás aqui, Bildad, meu irmão, e como conseguirias vender o resto de estrume em que se tornou o teu Job?

Bildad

Estou aqui, e como o vento norte sobre o mar em tempestade,
como a velha fera contra o bando dos chacais,
não quero nada mais do que contigo rugir e voltar a rugir.

Job

Obrigado, Bildad, obrigado por não me dares lições, mas comigo rangeres os dentes contra o silêncio.
As tuas garras são finalmente mais doces do que as suas carícias.
Os teus murros na cara mais amáveis do que o seu coração na boca

Bildad

Rujamos contra este mundo malvado que só germina para os vermes,
rujamos contra este Deus que nos fez a ofensa de não existir.

Job

Rugir não significa falar à toa...

Bildad

Tens razão, Job. Porque devemos honrar estas quatro letras, D.E.U.S?
Temos já as cinco letras para dizer toda a verdade!
M.E.R.D.A: o pentagrama muito pronunciável e muito sacro!

Job

As nossas vozes são semelhantes, meu irmão,
e poder-se-ia ouvir o timbre do nosso pai vibrar de um ao outro como um único latão roufenho,
e, como vestes talhadas do mesmo pano, poder-se--iam reconhecer também as inflexões hesitantes da nossa mãe,
e contudo há este grão de areia, algo que destoa na falcata comum, algum gonzo que range na fraterna harmonia,
como se os nossos gritos não se assemelhassem senão no fragor do descarrilamento,
não pelo sentido, mas pelo som...

Bildad

Vamos! Tu e eu sabemos a mesma coisa
e esta coisa
é nada.
Nós olhamos o nada na cara,
nós enxugamos os olhos mesmo dentro das órbitas,
e compreendemos – não te parece? – compreendemos que o homem não é senão uma farsa que o vazio atira a si próprio.
Um macaco superior? Não, antes um macaco falido, um macaco inapto para brincar sobre os ramos, incapaz de se contentar com uma banana,
mas dotado do quebra-cabeças da consciência, isso sim! a consciência como um alvo e a broca que o perfura sem fim…
O belo presente que este nada que se espelha em si próprio, que se redobra e se reconhece a si próprio para fazer menos que nada…
Não a pura ausência, mas a ausência que dói, o buraco que sangra, a nulidade que supura,
uma bola dolorosa no meio dos astros moribundos.
Vai até ao fim nos teus pensamentos, meu irmão,
admite que, como eu, sabes isto e que isto é nada de nada.

Job

Para dizer a verdade, sei ainda menos do que tu.
Porque tu falas como alguém que tem a última palavra,
enquanto nada mais temos do que a penúltima,

e tu falas como alguém que tem palavra subtil,
enquanto nada mais temos do que a grosseria.
Estamos um e outro diante de uma porta da qual não temos a chave,
e tu dizes que é uma porta falsa, que atrás nada mais há do que uma parede porque tu não queres bater a cabeça contra ela,
porque não queres admitir que a chave não está no teu bolso,
porque não queres suportar esta soleira que nos queima sob os pés e que não podemos atravessar.
Como poderia o mal fazer-nos tanto mal se não tivéssemos antes ouvido a promessa do bem?
Como poderia a morte de uma criança ser para nós tão monstruosa, se não tivéssemos antes apreciado a maravilha da sua vida?
Como poderia a traição de uma mulher torturar-nos tão duramente se não tivéssemos antes entrevisto o fogo da sua fidelidade profunda?
Tu dizes:"O mundo é mau".
E eu digo: "O mal está no mundo".
Estas duas frases assemelham-se como duas gotas de água, e no entanto uma é de ácido e a outra apenas de água salgada.
As nossas duas margens estão muito próximas, meu irmão, mas estão separadas por um abismo vertiginoso.
As nossas duas faces pertencem à mesma medalha, mas não olham na mesma direcção.

Bildad

Cospe sobre tudo e todos,
também sobre mim se queres, cospe
e reconhece aquele pouco de matéria malfeita,
o *jackpot* do falhanço,
a palma do fracasso,
o enguiço na armadilha da evolução,
sapiens sapiens, um para o sapo, outro para a sapa
ex nihilo in nihilum,
nada mais que um *soufflé* casual de átomos que, rapidamente, se esvazia e se desintegra e se perde no silêncio e no frio.

Job

Teu pranto é uma pausa,
teu grito, um creme que em ti espalhas.
A águia sabe muito bem como se grita, mas na torre em ruínas constrói um ninho acolhedor.
Assim, tu, nesta situação não procuras sair, arranjas-te, deitas-te, alimentas-te como necróforo que come e dorme junto dos cadáveres,
fazes da tua bílis a tua manteiga, dos nossos desastres as tuas delícias, da morte o teu mel.
Afirmas que não há nada
mas há estas palavras que empolas,
há este veredicto com que certamente te condenas a ti próprio, mas que te permite antes de tudo, ascender a juiz soberano.

Bildad

Corta o abcesso, ficarás melhor, corta o abcesso, cospe sobre o teu irmão,
cospe sobre tudo e todos, que não somos mais que cuspo evaporado e um abcesso esvaziado.
Sim, cospe o pedaço, esvazia esse saco de imundície, vai ao fundo no teu pensamento.

Job

O meu pensamento, justamente, é que o nosso pensamento não tem fundo,
que nunca está no fundo das suas penas,
que estamos, por todo a parte, circundados por um mistério que nos esmaga e nos escapa.

Bildad

Cómodo, irmão,
demasiado cómodo chamar mistério ao que é apenas uma miragem nas areias movediças.
Consola-nos calcar merda dizendo que traz fortuna

Job

E defende-nos de ter a alma partida sustentar que é tudo palavreado.

Bildad

Bah! Meu irmão, imaginava-te mais forte do que isso.
Entrego-te às tuas meias medidas.

Job

E eu queria não te deixar à tua medida plena de ti próprio.
Fica, meu irmão, fica, peço-te.
Quando éramos pequenos sabíamos brigar, tu fazias de *cowboy* e eu de índio numa perseguição selvagem, num duelo de morte, e uma hora depois comíamos a mesma sopa um ao lado do outro contando anedotas do Zequinha...
Bildad!
Vais embora como uma hiena farta, não de carne, mas da vaidade de ter metido o focinho na presa do leão.
Quem se segue?
Quem não teve a sua parte do meu cadáver em putrefação?

CENA 7
JOB E SOFAR

Sofar

Como é belo que a pedra não faça resistência ao cinzel
mas se adapte bem sob as marteladas,
tome em pleno cada golpe,
deixe fazer a obra do escultor que se aperfeiçoa pelo despojamento,
que enriquece por subtracção.
Tu sabes ao menos isto, meu caro Job:
só há um martelo para abater o ídolo e forjar o santo.
A maldade com que te golpeia apenas se compara à ternura com que desfaz todo o supérfluo,
e tu tens a impressão que te despedaça a cara,
mas é para esculpir um rosto mais suave.

Job

Sofar, meu amigo, tu és o primeiro que fala como um homem sensato nesta parada de delirantes,
e o seu delírio é crer possuir toda a razão,

a tua sensatez é dizer que a razão se despoja a si própria e nos convence da loucura.

Sofar

Recorda-te quando íamos com o mesmo passo para a casa de oração.
Afiámos os nossos espíritos na mesma mó
e quebramos a onda no mesmo Rochedo.
O pequeno círculo de claridade que a nossa lanterna desenha revela-nos melhor a imensidão das trevas que nos circundam.

Job

E por vezes esta lanterna parece apagar-se,
o seu disco de luz desaparece totalmente,
mas como podemos estar seguros que seja a obscuridade que triunfa e não o sol que deslumbra?
Como decidir de que lado vem o golpe?
É o maligno que mata a carne?
É a bondade que corta a rocha?
É uma, com o outro como sicário,
e a obscuridade que nos enterra para tornar mais profunda em nós a sede de luz?
O deserto circunda-nos e não sabemos se isto é para nos desfazer em pó,
ou porque nos tornámos fonte,
aquela fonte que se esquece de si e escorre e nunca aproveita da água que dá a beber aos outros...

Oh! Sofar, de todos estes redivivos, tu és o único a não estar morto!
A tua lanterna não me ilumina mais, mas aproxima-nos na noite.

Sofar

Aproxima-nos, Job, confunde o seu círculo com o da tua lanterna.
Porque eu contigo sei que tu encaixas os golpes,
que encaixas porque pagas.
Tudo isto que te acontece é como ácido que retira a ferrugem dos teus pecados.
Sim, todas estas maldições sobre ti, Job – amo-te suficiente para não ter medo de to dizer –
são devidas à tua injustiça,
todas as tuas penas são a sentença de um juiz justo.

Job

Não te sigo mais... ou então a tua lanterna não tem pilhas.
Certamente não estou sem culpas
mas o menino de berço que uma alta febre leva,
que fez para merecer tal punição?
E o assassino de seu irmão que ganha o totoloto,
que fez para merecer tal recompensa?

Sofar

Nenhum homem é justo diante de Deus.
E aquele que poupa neste momento,

é sobre ele que as tempestades se abaterão ainda mais terríveis na última hora.
Devemos pagar tudo.
Devemos saldar o nosso débito.

Job

Agora me lembro, meu bom Sofar:
tu tens um negócio, não é verdade?
E vendes...

Sofar

Vendo confecções
a grosso e a retalho.

Job

E corre bem?

Sofar

Mais ou menos, apesar da crise.
As pessoas precisam sempre de se vestir.
Porque me perguntas?

Job

Para estar certo de que tenhas os favores do deus dos comerciantes.

Sofar

Eis outro pecado que terás de pagar até ao último cêntimo.

Job

Eu confio num salvador, Sofar, e não num contabilista.
O meu Deus resgata-nos sem negociar.
O meu Deus perdoa os pecados sem os anotar num pequeno registo de merceeiro.

Sofar

E se perdoa, o teu doce paizinho, então porquê tantas penas sobre cada um de nós?

Job

Esta é a contradição que não chego a destrinçar.
Serviria que a trave desta cruz que me prega aqui fosse na realidade um par de asas para me erguer ao alto dos céus.
Mas não percebo nada.

Sofar

Reconhece que isso é um absurdo

Job

Absurdo, talvez.
A inocência do Criador, por um lado, a maldade que infesta a sua criação, por outro,
desenreda-me um pouco isto!
Mas não tenho necessidade de explicar Deus fazendo dele um droguista,
não tenho necessidade de o absolver fazendo dele um torturador,

não posso amar o carrasco em que tu confias e que nos atormentaria para nos extorquir não sei que louvor,
como se uma verdadeira confissão pudesse ser obtida com a tortura,
como se um verdadeiro louvor pudesse ser forçado.

Sofar

Esta blasfémia vai custar-te cara. (*Job dá-lhe uma bofetada*)
Que estás a fazer?

Job

Dou-te razão e tens… (*esbofeteia-o outra vez*)
Confirmo-te.

Sofar

Estás completamente fora de ti.

Job

Contudo, à pancada é muito melhor.
Então, não és um pecador, também tu?
Não precisas de pagar?
Isto é dinheiro em caixa, meu amigo, tudo bem!
Oferece o teu rosto aos bofetões como se fosse uma caixa registadora!

Sofar

Pára, Job, pára!
Estas são outras calamidades que acumulas sobre a tua cabeça.

Job

Eh! Eu estou cheio de abnegação e devo ter aqui algures um bastão que me permitirá enriquecer-te em poucos segundos. (*procura e encontra um bastão debaixo da cama*)
Espera! Não fujas aos golpes do escultor!
Não recuses a moeda do Céu!
Estou para te encher de pancadas fraternas, quanto baste para te partir o espinhaço e liquidar a tua dívida!

Sofar

(*que escapa rapidamente*) Maldito sejas! Insolvente! Irredimível!

Job

Impagável!

Enquanto agita o bastão diante da porta, não está já Sofar, mas a Rapariga que aparece na entrada. Job fica parado, com o braço levantado, diante desta aparição.

CENA 8
JOB E A RAPARIGA

Rapariga

Olá.

Job

Olá.

Rapariga

É sempre assim que acolhe as visitas,
partindo-lhe a cabeça?

Job

Oh... perdoe-me, menina,
não era para si, mas para aquele pobre a quem estava a conceder uma esmola celeste.
Espere, estou a vê-la,
como fez para subir até aqui, como jacinto sobre o meu estrume,
um oásis na minha seca?

Só de a ver fico desarmado.
Vê-se logo que não pertence ao partido dos calculistas,
mas ao da graça.
Quem é?

Rapariga

Sou aquela jovem que encontrou há alguns dias no metropolitano...

Job

Agora me recordo.
Os seus olhos pareciam abrir-se sobre um país de frescura,
as suas pernas pareciam inventar um caminho no beco...

Rapariga

E pensou, entre uma estação e outra, que eu fosse a promessa de um novo início,
o possível no impossível...

Job

Uma vida nova, mas fugidia,
um éden oferecido mas inabordável...

Rapariga

Antes da multidão me retomar no apito de partida,
e de o deixar só naquela carruagem, agarrado ao varão,
com mais de trinta anos.

Job

Lembro-me.
Estava entre o Rato e Cidade Universitária, na linha que me trazia a este hospital.

Rapariga

A linha B, aquela que os mapas desenham a amarelo.

Job

A menina desceu no Saldanha, não, no Campo Pequeno...

Rapariga

Em Entre Campos.

Job

Em Entre Campos com seu vestido branco e azul.
Era a primeira andorinha e a flor da amendoeira,
os belos dias que regressam com a sua magia que faz despontar a erva verde da terra negra e seca.

Rapariga

Precedi a estação dos amores

Job

Mas não era para mim.

Rapariga

E se fosse só para si?

Que outros, naquela estação, me viram como uma lâmpada na noite?
Quem ficou assim feliz e assim triste ao ver-me passar?
Não fui para si a terceira ou a quinta que por um instante fizeram ressoar o seu acorde maior?

Job

Uma transeunte. A menina não era senão uma transeunte.
O acorde soou, depois o seu desaparecimento deixou-me mais duramente na minha nota sem música, solitária como um soluço.
Uma passageira prometia-me aquele futuro que os meus amigos me recusavam.
Mas tratava-se de promessas vãs,
daquelas promessas tão ténues
que não há nada a manter...

Rapariga

No entanto eis-me aqui diante de si.
Eis de novo aquela música.

Job

Por que prodígio me encontrou?
Como é possível que eu não a desgoste?
Tanta primavera contra tantos escombros!

Rapariga

A graça, disseste!
Devemos talvez interrogar a graça?
Deve dar as suas razões?
Não, aconteceu assim, de surpresa,
com o seu júbilo saltitante que te atinge mais imprevistamente do que uma desgraça.

Job

Como podes falar-me com esta ligeireza sorridente, como um rio no verão?
Chegas de repente a este quarto sufocante e é como se as persianas se abrissem lançadas sobre o céu azul claro
e o vento entra a limpar tudo com sua mão transparente,
aquela mão que enche as velas dos barcos e transporta as sementes das flores,
e o meu peito assim longamente oprimido levanta-se, dilata-se, bebe a grandes goles o ar da tua alegre canção...

Rapariga

Senta-te Job, e deixa-me sentar-te nos teus joelhos cansados.

Job senta-se na poltrona e ela senta-se ao seu colo como uma criança, mais do que como uma mulher.

Sou um gatinho que brinca com o novelo de lã e nunca viu nem o cão nem o rato.
Sou a menina que brinca com a sineta e se diverte sem angústia no meio dos túmulos.

Job

É possível que quem me pesa me leve e me descarregue do meu fardo?

Rapariga

Descansa a tua cabeça sobre o meu peito,
deixa que os meus lábios derramem na tua boca o vinho da quietude.
O homem saiu nu do ventre de uma mulher: que nu regresse.
O homem gritou a primeira vez por ter abandonado a seda do seu sexo:
Que grite, pela última vez, antes de ser novamente confiscado.
Abri o ouvido ao teu lamento, Job,
comovi-me pela tua nudez,
e eis que o meu corpo jovem e virgem cria para ti um berço de ternura,
eis que os meus membros intactos te conduzem a um jardim secreto,
o pomar da minha carne,
onde colherás os pêssegos da doçura e as romãs do esquecimento.

Job

Falas-me como voz que provém da infância,
uma voz muito antiga e muito nova, que vai buscar o seu eco à minha memória mais enterrada.

Seduzes-me com palavras,
mas o que dizes encontra na minha alma ecos anteriores à palavra,
tocas-me no lugar do meu passado onde não sabia ainda nenhuma palavra,
senão aquele choros que reclamavam para mim o amor comestível e o calor vivo.
Mas não se volta atrás,
não se recua na hora decisiva invocando a mamã.
O Éden verdejante está perdido para sempre
e quem pretendesse voltar a ser feto ou regressar sobre os seus passos
encontrar-se-ia face a face com o anjo da espada de fogo.

Rapariga

Job, meu pequeno Job,
não te obstines no teu inferno.
Pode Sísifo recusar que a sua pedra se transforme em Galatéia?
Pode Tântalo recusar a oferta do cacho gostoso?
Vem ceifar no meu corpo a primeira e a segunda colheita,
morde esta maçã onde morre o remorso,
percorre em contramão a estrada da perdição
e regressa ao paraíso das origens.
Eu sou tua.
O meu dote é o teu antídoto.
Conservei pura a minha água para te poder matar a sede.

Job

Deixa-me, por favor.
O teu esquecimento é para uma desculpa, não para o perdão.
O teu beijo é para um babadouro, não para um abraço.
Quanto à tua pureza, essa é só para minha perturbação;
que se te agitas um pouco, menina, e toda a porcaria sai e suja a tua transparência.

Levanta-se e afasta-a

Que prazeres perversos vens procurar num velho gasto como eu?
Quem te pagou para me fazer mudar a regressão pelo arrependimento e uma páscoa divina pelo teu passatempo pago?
A tua bela juventude não me restituirá os meus dois filhos,
nenhum anjo os tirará para fora da fornalha.

Rapariga

Recusas a graça?

Job

Graça o caraças!
É mais razia!
A outra queria adormentar-me na morte,
tu queres liquidar-me com o "amor",
um amor como um emplastro que cobre a ferida que gangrena e piora.

Rapariga

Olha, ingrato. Para onde atiraste o meu riso?
Sou uma rapariga tão jovem e fazes-me chorar.

Job

Consola-te.
Melhor as lágrimas da verdade do que as risadas da mentira.
E em vez de suturar a ferida,
que alargue, se alargue ainda,
até fazer-se ela própria riso mais forte do que qualquer derisão.

CENA 9
JOB E ELIU

Eliu

Espere, menina. Dir-se-ia que encontrou um sátiro.
Que acontece aqui?
Estou sentado no corredor há mais de uma hora
e vi um a um, como por uma má megera insaciável, alguém entrar no teu antro, seguro de si próprio e dos seus remédios, e depois, após cinco ou seis minutos, sair desvairado e cambaleante.

Job

Eliu, meu padre,
terão saído daqui com as asas amarfanhadas e o passo incerto,
mas como abelha que acaba de espetar o seu aguilhão,
atordoada não pelo golpe recebido, mas pelo efectuado.
Acreditava ser imperfurável como um coador.
E todavia conseguiram espetar-me ainda entre os furos.
Nem sequer estou mais crivado.

Num crivo, há espaço entre os furos, mas eu não consigo encontrar um único milímetro da minha pele onde não esteja cravado um espinho.

Eliu

Há a tua língua, meu filho.
A tua língua que, dir-se-ia, como um peixinho ligeiro e fresco se regala no dilúvio.

Job

Não se engane! Foi truncada um bom bocado, a minha língua.
Não tome por uma barbatana eloquente o que é só convulsão de um pedaço de cobra.
Falo mais com o meu mutismo do que com as palavras.
Exprimo-me mais com as chagas do que com os lábios.
Mas disse-me que estava ali há quase uma hora.
Porque não entrou antes dos outros?
Teria feito de escudo contra as suas flechas, meu padre, uma imunidade contra os seus venenos.

Eliu

Esperava no hospital o resultado das minhas análises.
Uma simples formalidade, segundo o médico.

Job

E o que dizem, essas análises?

Eliu

Oh, trouxeram-me agora o envelope e ainda não o abri.
Volto a dizer-te que são exames de rotina.
Há coisas mais urgentes a tratar.

Job

Abra, pois, esse doce boletim de laboratório, e retire de si um peso.

Eliu

Como pode uma folha de papel ser tão pesada?
Não mudes de assunto, meu filho.
Por agora o meu peso és tu.
Procuras, talvez, envolver todos na tua queda?
A uma mão estendida responderás sempre com algemas?
Vi as suas faces derrotadas.
Tu desmoralizas os teus irmãos, Job.
Em vez de encorajar os seus esforços, cortas-lhes as pernas e deixam o teu quarto perdidos como quem não sabe sequer a sua morada ou o nome dos seus pais.
A tal ponto te tornaste inimigo da alegria?

Job

É o senhor a dizer-me isto, meu pai, meu confessor,
a dizer-me que me tornei inimigo da alegria?

Eliu

Meu filho, meu filho,
repetes ao menos as orações que aprendestes?

Quando se tem medo, não resta mais nada senão agarrar-
-se ao próprio pequeno breviário,
sim, quando se sente fugir a palavra viva, não resta senão repetir a lição dos antigos,
recitar de cor quando o coração está desfeito,
recitar mais por teimosia e inércia do que por perseverança,
de modo mecânico, sim, digamos sem medo, uma boa mecânica oleada, que nos liga ainda ao verbo feito incompreensível,
como papagaio, talvez, mas vê se entendes que um papagaio voa e vale mais do que uma águia morta,
enfim de memória, como se diz, de memória, todas as orações de quem começa, de memória, como se fosse tudo o que resta para nos recordar que o nosso coração está vivo.

Job

O meu coração está vivo: sinto-o pelo mal que me faz.
Ele recita orações, seguramente, recita-as tão bem que é um rumor de fundo que não significa nada,
uma canção escutada tantas vezes que agora é insuportável…

Eliu

Tu não te abandonas humildemente bastante ao Pai das misericórdias.
Tu não te lanças com confiança de criança nos braços da sua providência.

Não sabes que é um sinal da sua omnipotência poder tirar o bem do mal?
E fazer com que os assaltos dos seus inimigos cooperem para a glória dos seus eleitos?
Ali açoitam, ali batem com todas as forças mas mais não fazem do que montá-los em nata doce e imaculada.

Job

Poupe-me as suas doçuras,
tenho de estar atento ao meu diabetes.

Eliu

Deus escreve direito por linhas tortas.

Job

Bastante tortas a ponto de me apertar o pescoço.

Eliu

Se ele permite que o justo seja submerso na terra,
é para que tenha raízes profundas
e faça desabrochar no céu esplêndida ramagem.

Job

Não tenho senão lama nos olhos e na boca,
mas talvez...
Talvez não se devam procurar flores nos cimos,
talvez se deva somente esperar, enterrados ainda no escuro cá em baixo,

no pequeno tubérculo negro,
na raiz comestível.

Eliu

É assim, meu filho, minha doce batata, minha cenoura gostosa, meu nabo saboroso.
Retoma a confiança.
Nós interpretamos os papéis daquele grande encenador cujos desígnios nos superam.
Prepara-nos um final inesperado,
e quanto mais chegar por vias subterrâneas e obscuras, tanto mais se manifestará o improviso,
e quanto mais for imprevisível, tanto mais aparecerá necessário.

Job

Meu padre, meu pai, então entende-me?
Quer, portanto, permanecer comigo no incompreensível?
Porque, é verdade, a aurora será ainda mais bela quando tiver derrotado a mais escura das noites,
mas isso não impede de ser escura, esta noite,
não a impede de se infiltrar em nós como fuligem sufocante.

Eliu

Tem fé, meu filho, tem fé como a pequena chama que revela e afasta as trevas.

Pausa

Job

Agora abra aquele envelope que lhe analisa o sangue.
Quererei alegrar-me consigo com a boa notícia.

Eliu

Dizes bem. Agora posso interessar-me um pouco por mim.
Eliu abre a carta, lê, e muda de expressão

Job

Que foi, padre?
Porque é que a bonomia de repente desapareceu do seu rosto?
As análises não são boas?
...
Também as suas pernas tremem,
também irá deste quarto vacilante
e sente comigo quanto a fé está próxima da negação,
e prova comigo quanto o louvor está próximo da blasfémia,
um grito no grito que se priva mesmo do nosso berro...
Mas não quero, meu pai, não quero!
Eu queria que ao menos, padre, meu pai, saia daqui na sabedoria maior e na paz mais íntima.
E que eu possa, como um menino pequeno, possa só agarrar-me ao bordo do seu manto, para que me tome consigo, meu padre, e consigo vá a voar para o alto...
Toma Eliu entre os braços mas Eliu rejeita o seu gesto

Eliu

Oh Job, Job,
sou eu o teu confessor
e te peço perdão.

Sai

CENA 10
JOB E SATANÁS

Satanás

Que raio de lição destes a todos eles, meu irmão:
ficaram de boca aberta, assim podem procurar a verdadeira respiração.

Job

De que buraco sai? Por acaso nos conhecemos, senhor?

Satanás

Há muito tempo, meu caro Job, há mesmo muito tempo.
Eu sou de algum modo o melhor dos teus amigos.
Fiz-te escolta desde a mais tenra infância.
Se tu tivesses um perfil na Face-do-beco, quero dizer *Facebook*, ter-me-ias já encontrado e eu teria multiplicado os "gosto" sobre o teu mural.

Job

O seu rosto parece-me familiar,
e contudo não me diz nada.

Satanás

Porque ando por aí mascarado.

Job

A sua máscara é a de um deus.

Satanás

Um deus que se ajoelha diante da tua pobreza.
Desde o início que te estou escutando, e se tu soubesses como tenho aprendido, até que ponto recebi do teu grito, Job,
um grito tão rico de miséria,
um apelo tão bem alinhado com o eixo da angústia,
uma laceração sobre a cena do mundo nunca oferecida antes por nenhum herói trágico.

Job

Sei demasiado bem quanto tudo isto pode ter um ar de espetáculo,
e eu parecer não esta pessoa aniquilada e desanimada, não esta pequena raposa com a pata na armadilha,
mas um ator que se pavoneia a calçar os coturnos,
um personagem ébrio da sua grande tirada.

Satanás

Job, tu és Job.
O único a ter afirmado o excesso do mal,

o único a ter conhecido sem rodeios de palavras a miséria humana,
o único a apelar a uma desconhecida misericórdia.
Tu és o ungido do odioso, isto é, quero dizer que és o santo de Deus.

Job

Quem és tu que queres mudar o meu choro em compaixão e comprazimento?

Satanás

O amigo que bendiz todo o teu esforço,
o irmão que aplaude a tua corajosa obstinação no sofrimento,
o teu anjo da guarda que te admira na tua cruz.

Job

Afasta-te, Satanás, espelho no qual se me agrado ou não me agrado pouco te importa, basta que nunca me afastes do meu próprio olhar!
Eu sei que tu cheiras certamente menos a enxofre do que a incensos perfumados que nos dão a volta à cabeça.
Que o Senhor me preserve dos teus aplausos!
Contra as tuas unhadas medíocres, faço apelo à sua espada que trespassa o coração.
Contra os teus prazeres mesquinhos, faço apelo à Alegria.

O diabo evapora-se

CENA 11
JOB, SÓ

Ó Alegria, bem sabes que se sofro tanto,
é por tua causa,
porque não te reneguei.
Ó Alegria, bem sabes que se gritei tão forte,
é por tua causa,
porque ouço ainda o teu apelo.
E tu bem sabes, ó Alegria, que se me revolto diante do horror,
é por tua causa,
porque não esqueci o teu sorriso.
Sem a tua proximidade, o mal parecer-me-ia normal e a morte não seria amarga.
Mas tu, a tua ausência me acompanha por toda a parte,
estás aqui, tu, cujo silêncio se eleva sobre as suas vozes,
estás aqui, esposa bruscamente roubada aos meus olhos, mas pintada sob as minhas pálpebras,
menina desaparecida, e cada coisa se torna o véu que a recorda e a esconde!

Ó Alegria, meu aguilhão furador, minha paixão ciumenta, minha amante que degola todas as minhas satisfações, como tantas outras concubinas falsas e embrutecedoras.
É necessário que não estejas em mim para que dê conta de ser um recipiente inteiramente esvaziado pela tua inundação?
É necessário que não estejas em mim como um barril para que mergulhe em ti como em mar imenso?
É necessário que não te encerres em mim como um covil para que parta à tua procura como para um Reino?
Não te possuo, mas me apertas.
Tu que me foges, és a mesma que me conduzes para o outro,
tu que me feres, és a única que me poderia curar,
e como estou emboscado, pronto a acolher-te, sensível à mínima rajada que anuncie a tua vinda,
tu me impedes de me fechar na minha couraça
e a minha cabeça é esta concha partida
e a minha língua é este caracol grotesco,
que deixa com as suas palavras mais baba do que saber,
e tu não vens reduzir a fratura, não, tu aumenta-la, tu ainda a alargas para que aí entre o mundo, Ah! Vinde meus amigos, minha mulher, Elifaz, Bildad, Sofar, Eliu e aquela jovem transeunte de quem ignoro o nome,
há espaço, hoje, tanto espaço,
porque vos odeio pelas injúrias que me fizestes,
mas vos amo porque agora a minha ferida é bastante grande para vos acolher a todos!

Ó Alegria, defendestes-me contra uma felicidade de água estagnada num frasco de marfim
e me expões a esta abertura de rio que se enche para se dar...
E talvez não sejas a Alegria de Job para melhor ser a de Job com todos,
e pode ser que tu não sejas somente a Alegria dos felizes para te fazeres também a Alegria dos abatidos e dos embotados, Alegria dos falidos e dos molestados, Alegria dos desesperados e dos desconsolados,
aqui e agora,
em pé, sobre o bordo do precipício, ainda
neste momento de oscilação pavorosa,
nesta enorme náusea no balanço do terror,
ó Alegria,
te espero.

CENA 12
DEUS E SATANÁS

Deus

Ora bem, meu anjo,
a representação não acabou?
Estás contente com a tua encenação?

Satanás

Deixa de me chamar "meu anjo", velha barba enfadonha!
Tenho uma reputação a defender,
eu sou um demónio que se respeita.

Deus

Mas talvez me tivesses servido, sem querer,
como o melhor dos meus querubins.

Satanás

É sempre o mesmo trabalho corrupto.
Agito-me sobre os teus santos para os arruinar um pouco,
e pelo contrário, eis que tos limpo, tos aclaro, tos faço brilhar!

Deus

Se soubesses como te agradeço, ó meu servidor tão útil.

Satanás

E eu te detesto ainda mais.

Deus

Que queres, meu anjo? Tu mesmo o disseste.
Eu sou louco pelas minhas criaturas e não sei fazer outra coisa senão amá-las.

Título
Job ou a tortura pelos amigos

Autor
Fabrice Hadjadj

Coleção
Contracena; 1

Direção
Carlos A. Moreira Azevedo

Tradução
Carlos A. Moreira Azevedo

Revisão
Lurdes Figueiral

Edição
Fundação Manuel Leão, V. N. Gaia, 2012

Execução gráfica
LabGraf

Depósito Legal
343714/12

ISBN
978-989-8151-30-8

Rua Pinto de Aguiar, 345
4400-252 Vila Nova de Gaia – PT
Tel. +351 223 708 681 • Fax. +351 223 709 331
fmleao@mail.telepac.pt

Titulo original: *Job ou la torture par les amis*. Éditions Salvator, 2011 – Yves Briend Éditeur S.A. Paris.